



# Culturas

## Um Almada que nos acena

O porto de Lisboa abre-se para permitir o acesso ao maior conjunto de pintura mural do século XX em Portugal. Nas gares marítimas, sob o traço e as cores de Almada Negreiros, com a ambição de criar um polo cultural na capital

TEXTO CHRISTIANA MARTINS FOTOGRAFIAS ANA BAIÃO



A

li, tudo remete para o rio, caminho para quem parte e quem chega. A luz do Tejo invade as grandes janelas da Gare da Rocha do Conde de Óbidos, iluminando pinturas de ontem que podiam retratar-nos hoje. O sol que arde, o silêncio e falta de movimento levam o visitante a pensar que se enganou de destino e é guiado pelo espanto que, dentro da sala de pé-direito alto, se descobre o que se quer mostrar, mas que ainda não está pronto para ser visto: os enormes painéis de Almada Negreiros no edifício projetado por Porfírio Pardal Monteiro. O artista e a mulher, Sarah Affonso, também artista, ainda lá estarão. Do alto de uma das pinturas, serão eles que num autorretrato intuído observam quem se aproxima e o que ali nos deixaram. Uma imagem fixa de uma

população em mudança, que chega e parte, cumprindo a sina de um porto. Bem perto daqui, o centro interpretativo que vai nascer à beira Tejo recebeu o nome do que de mais importante tem a oferecer aos visitantes. Designado “Os Murais de Almada nas Gares Marítimas”, quer posicionar-se como um novo polo cultural e turístico na capital, abrindo, a partir de fevereiro 2025, as portas das gares do Porto de Lisboa à visitação e, desta forma, permitindo o acesso às pinturas de Almada Negreiros, considerado o maior conjunto de frescos murais do século XX em Portugal, um trabalho que desafiou a imagem concebida pelo regime salazarista para o país. A administração do Porto de Lisboa, a Câmara Municipal e a Associação Turismo de Lisboa uniram-se para revitalizar um espaço que há muito parecia posto de parte da recuperação do eixo ribeirinho: na Gare Marítima de Alcântara propõe-se proporcionar ao visitante uma extensa informação ao longo de nove salas, assim como a possibilidade de visitar dois grandes trípticos, pintados a fresco por

**O interior da Gare da Rocha de Conde de Óbidos, onde estão a ser restaurados os painéis que afrontaram Salazar**

Almada Negreiros, a figura maior do modernismo português, nas gares marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos. Na de Alcântara contam-se as histórias de Portugal e dos Descobrimentos: a lenda da Nau Catrineta e o milagre de D. Fuas Roupinho. Uma história com histórias por trás. “Almada foi convidado por Duarte Pacheco [ministro das Obras Públicas e Comunicações de Salazar] para trabalhar com Pardal Monteiro, com quem já tinha tido uma experiência feliz. Não há um contrato escrito e percebe-se que as primeiras pinturas causam desagrado em alguns sectores do regime, porque não retratam a gesta dos Descobrimentos e os heróis nacionais como se esperava. Num dos trípticos aparecem as carvoeiras, que transportavam carvão para os barcos. Não há

registos de recusa das propostas, mas, por entrevistas, percebe-se o desconforto”, explica Mariana Pinto dos Santos, investigadora do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e coordenadora dos conteúdos do centro interpretativo. Um desconforto que, somado à morte de Duarte Pacheco, chega a colocar em causa a adjudicação a Almada Negreiros da segunda fase do projeto, os trípticos da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos. Foi João Couto, então diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, quem resolve o diferendo. Num parecer endereçado à Junta das Obras Públicas, assegura que “não vai haver problemas”. Mas houve. “O projeto da segunda gare afronta muito mais o regime, com as imagens dos salimbancos, artistas de rua a pedir esmola, as pessoas descalças que viviam por ali, as varinas, uma das quais negra e muito monumentalizada, e, do outro lado, a partida dos emigrantes. Sabe-se que há movimentos para destruir as pinturas e é um novo parecer de João Couto que as

salva, transformando a partida dos emigrantes na chegada de um transatlântico”, completa Mariana Pinto dos Santos. Imagens datadas, mas também visionárias e que nos podem remeter para momentos históricos posteriores, de um Portugal marcado por idas e vindas, como a partida do Porto de Lisboa dos soldados que seguem para a guerra em África e, em 1975, o regresso dos colonos desapaoados. “A ideia é mostrar, além da obra artística, o que passou por edifícios públicos como aqueles. Ali houve uma prevaricação e uma crítica ao Estado Novo e é muito importante reconhecer que estas histórias não são novas e que a reflexão sobre o passado nos pode ajudar a pensar o presente”, defende a investigadora.

A Gare Marítima de Alcântara foi inaugurada em 1943 e cinco anos mais tarde foi a vez da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos. Em conjunto são consideradas um dos mais importantes projetos modernistas da arquitetura portuguesa dos anos 40 do século XX. O historiador José-Augusto França disse mesmo serem “a obra-prima da pintura portuguesa da primeira metade do século”. Para quem as visita, percebe-se que, além da crítica política, uma das grandes façanhas de Almada foi ter colocado um navio dentro de uma gare. A chegar? A partir?

#### RESTAURAR PARA SE VER

Do alto dos andaimes, dentro da gare da Rocha de Conde de Óbidos, ainda se veem as técnicas a restaurar os painéis. Quatro são portuguesas e quatro vieram da Itália, com maior tradição em frescos e experiência na recuperação destas obras artísticas. E assim, do alto e de perto das pinturas, aquele espaço será ocupado até ao início do próximo ano pela atividade de restauro, porque a partir do fim de fevereiro já será possível, como conta Ricardo Roque, administrador do Porto de Lisboa, “ver como se recupera a história do país que passou pelas gares”. Depois de tudo ter sido limpo a seco e estabilizadas as situações mais urgentes de degradação de alguns pontos dos painéis, causadas

por infiltrações que ao longo do tempo afetaram as paredes, e removidas as alterações cromáticas introduzidas em intervenções anteriores realizadas nos anos 70, passou-se à fase de tratamento das pedras que constituem as molduras das pinturas. Todo um trabalho que está a ser registado graficamente e fotografado. “Estamos a meio”, assegura Teresa Veiga de Macedo, do World Monuments Fund.

O restauro dos painéis, com 27 metros quadrados cada um, foi possível graças ao protocolo firmado entre o Porto de Lisboa e o World Monuments Fund, que considerou o monumento como sendo de interesse público e um dos 25 lugares mundiais a preservar, mas que exigiu como contrapartida para a aceitação do projeto, explica Teresa Veiga de Macedo, que a obra ficasse acessível à visitação e fizesse parte de uma programação que promovesse o interesse contínuo pela mesma. Do restauro — que tinha sido pensado para durar 14 meses mas cuja conclusão deverá acontecer ao fim de 12 — há que

## “Ali houve uma prevaricação e uma crítica ao Estado Novo e é muito importante reconhecer que estas histórias não são novas”

MARIANA PINTO DOS SANTOS  
COORDENADORA DOS  
CONTEÚDOS DO CENTRO  
INTERPRETATIVO

destacar ainda o regresso das cores originais escolhidas pelo artista. Integrado na oferta do eixo turístico-cultural de Alcântara-Belém, o centro interpretativo assume como função fundamental a visitação aos 14 painéis de pintura mural das gares pintados por Almada Negreiros. São seis painéis na Gare Marítima Rocha do Conde de Óbidos e oito na Gare Marítima de Alcântara. Além disso, haverá informação sobre a construção das gares marítimas e sobre o papel histórico e social do Porto de Lisboa desde os anos 40 até a atualidade. Ao longo das nove salas, no piso zero da Gare Marítima de Alcântara, o visitante poderá ficar a conhecer o contexto de construção e a decoração de época dos terminais de navegação, como também, garantem os promotores em comunicado, a relação entre o arquiteto Pardal Monteiro e Almada Negreiros, ou os estudos prévios do artista para as pinturas murais nas gares marítimas. Disponível ainda estará a informação sobre contexto da encomenda dos painéis ao artista e a polémica gerada à época. Além dos painéis em si, haverá uma sala em que, através de depoimentos, entrevistas, fotografias e reproduções de obras e documentos, os promotores querem sinalizar a presença da arte de Almada Negreiros em vários espaços da cidade, como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Cidade Universitária ou o antigo edifício do “Diário de Notícias”. Ainda em fase inicial de conceção, o centro interpretativo integrará também um restaurante, que pretende reproduzir na decoração a estética da primeira metade do século XX, trazendo de volta o ambiente encontrado pelas pessoas que por ali passaram há cerca de 80 anos.

O projeto, apresentado no passado dia 8, resultou da conjugação de esforços de entidades como o Centro de Estudos e Documentação Almada Negreiros — Sarah Affonso e o Instituto de História da Arte, ambos da Nova FCSH, o Laboratório HERCULES, o Arquivo Municipal de Lisboa e o Museu Nacional de Arte Antiga, entre outros. A família de Almada Negreiros colaborou com a iniciativa, que fica como testemunho de um Portugal passado, mas que nos acena para o presente. De semblante carregado, mas em cores garbadas. ●

camartins@expresso.impresa.pt



Detalhes do restauro, com destaque para o que se pensa ser o autorretrato de Almada Negreiros e Sarah Affonso